



JOÃO NINGUÉM E SEUS NINGUÊNS: UM ALGUÉM EM MEIO À CATÁSTROFE

JOHN NOBODY AND HIS NOBODY: SOMEONE IN THE MIDST OF DISASTER

Rafael Reginato Moura¹

RESUMO:

O presente estudo tem o objetivo de apresentar alguns aspectos presentes no romance *Unhas negras*, do escritor português João da Silva Correia, traçando um paralelo com a mundividência do autor. João da Silva Correia, que assinava seus textos lidos na rádio BBC de Londres durante a Segunda Guerra Mundial com o pseudônimo de “João Ninguém”, trocou cartas com amigos e escritores de sua época, como é o caso de Ferreira de Castro, e se manteve, ainda que doente, como crítico ao Estado Novo de Salazar e a outros regimes autoritários que assolavam o mundo. Como aporte metodológico, foi utilizada pesquisa bibliográfica e de arquivos da Biblioteca Nacional de Portugal e do município de São João da Madeira, cidade natal do escritor e onde se passa a narrativa de *Unhas negras*. Como resultado, a leitura da obra do autor estudado também pode iluminar o tempo presente, como é possível perceber nas reflexões de Susan-Buck Mors e Alain Badiou. Além disso, a mundividência de João da Silva Correia, enquanto memorial escritor, guarda espaço subjetivo de pertença dentro da obra. Seu ponto de vista particular não se apresenta despegado do residual de experiência e observação ocular do jovem autor na época dos fatos narrados em seu romance.

PALAVRAS-CHAVE: João da Silva Correia; *Unhas negras*; Mundividência.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), rafaelreginatmoura@gmail.com.



ABSTRACT:

This study aims to present some aspects present in the novel *Unhas negras*, by the portuguese writer João da Silva Correia, drawing a parallel with the author's worldview. João da Silva Correia, who signed his texts read on BBC radio in London during World War II under the pseudonym "João Ninguém", exchanged letters with friends and writers of his time, as Ferreira de Castro, and remained, even though sick, as critical of Salazar's Estado Novo and other authoritarian regimes that ravaged the world. As a methodological contribution, we used bibliographic and archival research of the National Library of Portugal and the municipality of São João da Madeira, the writer's hometown and where the narrative *Unhas negras* takes place. As a result, reading the work of the author studied can also illuminate the present time, as can be seen in the reflections of Susan-Buck Mors and Alain Badiou. In addition, the worldview of João da Silva Correia, as a writer memorial, keeps a subjective space of belonging within the work. His particular point of view is attached to the residual experience and eye observation of the young author at the time of the facts narrated in his novel.

KEYWORDS: João da Silva Correia; *Unhas negras*; Worldview.

João Ninguém foi o pseudônimo utilizado pelo escritor português João da Silva Correia² nas palestras escritas para a rádio BBC, de Londres, lidas ao vivo pelo microfone da emissora durante a Segunda Guerra Mundial, e que analisavam politicamente aquela conjuntura e dirigiam críticas ao nazismo de Hitler e ao fascismo de Mussolini. Esse João Ninguém, que em seus livros se empenhava em des(en)cobrir os personagens vencidos da história ou restituí-lhes a voz, manteve-se ativo na defesa de seus pontos de vista, mesmo após o holocausto e o desaparecimento de milhões de pessoas:

Em princípios de Novembro de 1945, com a generosidade manifestada no conflito mundial recém-extinto em prol da Liberdade e dos Povos e na continuidade da figura lendária de "João Ninguém" que encarnava, envolve-se directamente na desmistificação do Regime de Salazar ao anúncio oficial da realização das pretensamente livres Eleições para as Legislativas de 18 de Novembro, subscrevendo [...] um requerimento ao Governador Civil de Aveiro a solicitar licença para no dia 16, no Cine-Teatro de S. João da Madeira efectuar uma manifestação democrática. Tal acto vai-lhe motivar a abertura do Processo nº 2275/45 da ex-Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), onde vão ser lançadas, par-e-passo, até as actividades mais subjectivas do comerciante-escritor. Mais tarde, devido ao seu percurso intelectual, correspondendo-se com gradas figuras literárias da época e da oposição, são-lhe acrescentados mais dois processos, o nº 18747 e nº 399-C.I, onde se arquivam, por apreensão desconhecida do próprio autor, não só originais de cartas enviadas ao Director do Jornal "A República", Carvalhão Duarte, aos escritores Ferreira de Castro, Urbano Tavares

² Uma nota biográfica que não faz referência a fontes bibliográficas, atribuída a Graça Neves e inserida nas Jornadas Europeias de Patrimônio, é parte do que resta do parco material de pesquisa existente sobre a vida do escritor português João da Silva Correia, autor do romance *Unhas negras*, que retrata a vida brutal e sacrificada dos operários que trabalhavam na indústria chapeleira de São João da Madeira no início do século XX. A nota, publicada num folheto produzido pela Biblioteca Municipal Dr. Renato Araújo, de São João da Madeira, cidade natal do autor e onde se passa a trama do romance, filia o autor à corrente literária neorrealista do país.

Rodrigues e Manuel Ferreira, mas também fotocópias de outras cartas, também endereçadas às mesmas individualidades, que teriam sido, aparentemente, entregues aos respectivos destinatários, mas que ficaram a constituir matéria processual, e que, na generalidade, são, paradoxalmente, da mais insuspeita actividade político-partidária (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. XI).

A atividade política de João da Silva Correia, seja com a leitura ao vivo de suas cartas abertas ou palestras na rádio BBC de Londres durante a Segunda Guerra Mundial ou por intermédio de sua oposição declarada ao regime autoritário do Estado Novo implantado em Portugal por Salazar, não está deslocada de sua produção literária. Pelo contrário, ambas parecem buscar um complemento, nem sempre tão lógico como à primeira vista pode-se supor, mas atravessado por sua mundividência e pela história a que foi submetido viver ou presenciar. Compreender esse jogo de transposições vida-obra-vida passa também pela investigação das cartas trocadas com José Moreira, fonte explicitada do que refulge em implícito numa obra como o romance *Unhas negras*.

A carta aberta a Salazar de 1936 que, prevendo a impossibilidade de publicá-la por conta da censura, João da Silva Correia envia para o endereço particular do ditador, trazia já grande parte da cosmogonia intelectual do escritor, suas opiniões convictas e sua crítica lúcida aos danos sociais causados pela política salazarista aos trabalhadores e aos pobres que:

A qualquer hora, ouve da boca de alguém a tal loa da igualdade; e o pobre, que tem dado balanço a sua tragédia, não se sente com ânimo para reconhecer regalias ou castas de qualquer espécie dentro da grei humana. Revolta-se então, com funda sinceridade, contra a sua triste condição de pária; e quase insensivelmente, ao sabor daquele infortúnio imanente, entra de ver em cada pessoa que teve artes ou inteligência para se elevar na vida – um tirano ou um déspota (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 307).

Sem restar dúvida da coragem de João Ninguém perante o grande algoz que reinaria antidemocraticamente por mais de quatro décadas em Portugal, o escritor ainda dá conselhos a Salazar, na mesma carta, dizendo que “não há ninguém que, tendo a barriga vazia, não seja comunista, assim como não há ninguém que, tendo-a cheia, não seja anticomunista” (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 306), numa clara alusão à política policial do Estado Novo que perseguia os inimigos *comunistas* do regime. Também não poupa Salazar, caso algum dia tenha lido a carta, de sua ironia ao mencionar o entusiasmo dos que assistiam ao comício anticomunista realizado pelo ditador na Praça do Campo Pequeno, em Lisboa: “diziam – muito bem; outros ainda, com entonação de profetas, pronunciavam e tornavam a pronunciar o nome de V. Exa. como espécie de Messias que à terra lusa trouxe o ramo de oliveira”³ (MOREIRA &

3 A referência irônica na carta a um retorno messiânico, que foge ao objetivo desta pesquisa, parece guardar relação direta com o *destino crístico* de que fala Eduardo Lourenço, no ensaio *Mitologia da Saudade, seguido de Portugal como destino*, ao aludir ao imaginário português que, desde a morte do rei Dom Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, aguarda pela volta do *Desejado*, aquele que retornará do nevoeiro para conduzir o povo luso ao Quinto Império. João da Silva Correia brinca, portanto, com

CORREIA, 1997, p. 306). Não sem motivo, os ficheiros secretos da Polícia Política de Salazar traziam registros sobre João da Silva Correia descrevendo-o como uma “pessoa de bom porte moral, mas adversário do Estado Novo” (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. XIII).

Dentre os tantos aspectos do salazarismo implantado em Portugal que os dois amigos, José Moreira e João da Silva Correia, discutem e expõem em suas cartas, como a abrirem um olhar panorâmico sobre a política, economia e cultura reinante no período, estão o temor da censura, o profundo egoísmo especialmente das classes conservadoras, a falta de senso crítico de grande parte dos portugueses e a aura obscurantista do regime que impediu até mesmo o escritor de ajudar a organizar uma biblioteca em Oliveira de Azeméis em homenagem ao *mal afamado* Ferreira de Castro, que consta em carta de 1º de junho de 1950.

A censura praticada pelo regime de Salazar e seus efeitos atemorizantes já pairam sobre a consciência do escritor desde seus primeiros escritos ou intenções de publicação. Após submeter a Ferreira de Castro um original de *Descida dos Infernos*, título nunca publicado pelo escritor, João da Silva Correia comenta desconfiar, em carta a José Moreira de 3 de dezembro de 1937, que a obra não ultrapassaria “o lápis inexorável dos tenentes da censura”:

A verdade é que, nesta santa terra, o beneplácito dos referidos tenentes só é concedido a favor das odes pegajosas a Oliveira Salazar, ou então de qualquer invocação à Virgem Nossa Senhora ou ao Patriarca S. José. A literatura portuguesa, hoje em dia, tem de rescender todos os peregrinos odores da candura e da inocência para poder ser servida à bem-aventurada falange da massa dos leitores. Já estou precatado a este respeito desde a publicação de “Mijados e Chamorros”. Nessa altura fui forçado a engolir meia dúzia de traços a sabor pagão com que pretendi temperar o equilíbrio artístico da novela.

Meu caro José Moreira: Quem quiser escrever em Portugal tem de trazer as asinhas brancas sobre as omoplatas e coroa de flores de laranjeiras na frente. Além disso, tem de apresentar atestado de que comunga todas as sextas-feiras, não come carne em dias de jejum, e ouve, de joelhos, os discursos de Salazar, em frente dos aparelhos de radiotelefonia (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 33).

E mesmo após ter publicado, em 1944, seu primeiro livro, que trazia o premiado *Mijados e Chamorros* como conto de abertura, João da Silva Correia, ainda temendo os serviços da censura ao tentar enviar seus exemplares a José Moreira no Rio de Janeiro, aventa a hipótese de remeter o livro por intermédio de seu editor para o amigo e para cada um dos irmãos do escritor que viviam no Brasil, conforme carta de 6 de junho daquele ano. Não fosse apenas necessário inventar maneiras de driblar a censura em Portugal, João da Silva Correia ainda teve de se submeter ao martírio de conviver com uma mentalidade atrasada, retrógrada, conservadora e egoísta de uma camada mais privilegiada da sociedade, em contraste com outra despida de qualquer senso

o mito sebastianista e cristão, herdado do Antigo Testamento Hebraico, ao vestir Salazar na roupagem de um *messias* do povo português, ou seja, um suposto novo *Encoberto*. Logicamente, o autor de *Unhas negras* deixa implícito, em sua ironia, o apoio religioso assumido por Salazar.

crítico, servil, analfabeta e sem consciência da realidade, que perfazia a maior parte da população do país⁴. Em carta datada de 6 de julho de 1938, João da Silva Correia fala ainda mais:

Plenamente consciente da transformação real, olho agora, confrangido, os que ficaram na lama agarrados obstinadamente ao seu *Eu*, sem mais bagagem de aspirações do que a mesa bem farta, a cama bem fofa e razoável indumentária [...] O povo, verdadeiramente, não tem culpa. Criaram-lhe o ambiente deletério e, à força, constrangeram-no a respirá-lo. Foi por aí que Portugal se tornou um grande lazareto de leprosos do espírito, uma grande pocilga em que todos chafurdam satisfeitos, desde que haja lavagem no gamelo. Salazar é o chefe condigno desta mentalidade derrancada e perfeitamente pusilânime, formada pacientemente, ano após ano, à sua imagem e semelhança.

Tudo isto é reles e nojento. Os conceitos de justiça e do direito estão perfeitamente obliterados, polo a polo das consciências, e à mercê do meio palmo de vistas da ideologia reinante, ideologia que se resume a um beco estreito nos espíritos: dum lado vai dar aos deleites do Céu; do outro às regalias da Terra.

Então, quando o Exército Italiano, a ferro e a fogo, como quem bate numa criança, usando aviões e tanques, e engenhos de toda a espécie, invade cobardemente a terra humilde da Abissínia, há aí imbecis que, sem ao menos se lembrarem que Portugal tem por única defesa, verdadeiramente, os princípios jurídicos do direito internacional, aplaudem, dizendo boçalmente que o mundo é dos fortes (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 37-38).

Esse senso comum que compactuava, sem consciência crítica, com os rumos do regime salazarista aparece também na carta datada em 1º de outubro de 1938, quando João da Silva Correia relata ao amigo uma conversa mantida com um *salazarista convicto* que lhe disse:

- “Não se aflija, homem, não se aflija!... O Salazar... lá está... E ele sabe muito bem, melhor do que eu e do que você, o que nos interessa a nós, Portugueses”.

É deste naipe a lusa mentalidade, em nossos dias. Todos se embriagam em sonhos de rosas. Acima dos santos, acima de Deus, acima de tudo, “o Salazar lá está”.

Ah, José Moreira, como isto é desolador! Portugal inteiro toma cocaína às toneladas pelas mãos de António Ferro. Não é, não é sangue que esta gente traz nas veias – é borra pestilenta (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 43).

Além de questionar a mentalidade que adejava sobre grande parte das cabeças portuguesas, João da Silva Correia não deixa de mencionar nesta última carta o nome de António Ferro, Secretário da Propaganda Nacional do Estado Novo que instaurou durante o regime autoritário de Salazar a sua política de fomento cultural denominada *Política do Espírito*. O neorrealista João da Silva Correia critica então a forma de modernismo artístico defendida por António Ferro, que já não guardava sua

4 É importante também ter em vista aqui, dentro de uma sociedade de requinte fascista, a existência daquela importante subclasse ou subproduto da sociedade burguesa que Hannah Arendt, em *Origens do Totalitarismo*, veio a denominar *ralé*. Composta do refugio de todas as classes, a *ralé* formava uma massa despolitizada, não filiada a nenhum partido político ou representação de classe, pronta a ser conduzida ideologicamente pelas presunções de um regime qualquer.

profunda identidade com o modernismo da geração de Orpheu, da qual participou, mas antes queria apropriar-se de elementos e de suas obras, assim como ditar as regras estéticas de novos artistas, para exalar entre o imaginário português o ópio alucinógeno que João da Silva Correia parece sugerir ser uma alienação coletiva. Em sua fase mais radicalmente neorrealista, o pintor português Júlio Pomar escreveu em 1942 um texto crítico para a revista *Horizonte*, de Lisboa, que se intitulava *A necessidade duma exposição de Arte Moderna*. Nele, é possível perceber uma oposição do artista ao dirigismo cultural que a *Política do Espírito* de António Ferro procurava impor:

Existirá, de facto, em Portugal uma Arte Moderna? Existirá uma Arte de hoje, verdadeiramente Arte e verdadeiramente de hoje? [...] As entidades encarregadas de mexer os cordelinhos da Arte nacional comprazem-se numa actividade limitada, condicionada. Uma, abrigando mumificadas recordações duma época que se foi sem deixar saudades, prolongando indefinidamente um passadismo inútil e infeliz. Outra, dando-se foros de “modernismo”, estadeia vistosos painelinhos policromos e decorativos, mas só policromos e decorativos, bem longe do espírito que deve presidir a toda a criação artística (POMAR, 2014, p. 17).

A clara convergência entre o pensamento crítico do escritor João da Silva Correia e o do artista plástico Júlio Pomar sobre a política cultural mantida por António Ferro em Portugal demonstra não apenas uma afinidade neorrealista sobre o que se queria produzir em arte e o que se pretendia consumir em arte, mas também a inquietação que os moveu a enfrentar obstáculos como a censura, processos na PIDE e até a prisão política - no caso de Júlio Pomar, para poderem expressar publicamente suas ideias e arte. Ainda que *abafados*, conseguem expor o antídoto a tentar refrear a mentalidade que se produzia com fins totalizantes no país.

Em carta datada de 21 de maio de 1949, José Moreira, incitado por João da Silva Correia⁵, dispara suas observações sobre a situação política em Portugal durante sua rápida visita ao país:

Tanto entusiasmo, tanta esperança, tanto esforço promissor da ansiada aurora de liberdade, para rematar nisto, pura e simplesmente nisto: a ditadura continua... E continua, porque as chamadas classes conservadoras assim o querem. Na Alemanha e na Itália foram essas classes que sustentaram Hitler e Mussolini. São também essas mesmas classes espanholas que apoiam o tirano Franco na Espanha [...] Amigo João Correia: quando as classes conservadoras portuguesas deixarem de ser menos conservadoras, quando antepuserem as liberdades públicas aos seus interesses económicos, o regime cairá (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 199).

A convergir com o posicionamento de José Moreira, encontra-se a afirmação de João da Silva Correia constante numa carta de 26 de maio de 1946 em que culpa a mesma elite conservadora e reacionária do país que oferece sustentação ao regime de Salazar acusando-os

5 Foucault (1992), ao referir-se às palavras de Plutarco, menciona a correspondência ou missiva como uma troca em que quem escreve manifesta-se a si próprio e ao outro, num movimento dialético que parece ganhar um carácter transformador. Em vários momentos das cartas trocadas entre João da Silva Correia e José Moreira é possível constatar tal *disputa dialética* a coincidir em uma síntese dos seus pensamentos.

de que “afogam milhões em penúria para nadarem alguns poucos em riqueza” (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 153). A outra suposta resposta de João da Silva Correia ao posicionamento progressista de José Moreira, ainda que retroativa, poderia ser retirada de uma palestra escrita e lida ao vivo pela rádio BBC de Londres no ano de 1942, intitulada *Germanófilos em Portugal*. Nela, o escritor divide em subcategorias os simpatizantes do nazismo e do fascismo no país, conforme seu ponto de vista de coleta pragmática:

Comecei a concluir que há, de facto, germanófilos em Portugal, talvez em número bastante mais elevado do que muitos supõem. Tanto quanto mo permitem ajuizar os meios mais ou menos deficientes de que lancei mão, creio ter verificado que atingem nada menos do que sete por cento da população global do país. Quinhentos mil portugueses, portanto, que optam pela brutalidade da força sobre a força sublime do direito [...] em minha opinião os germanófilos portugueses dividem-se em três grupos distintos: os *despeitados*, os *nescios* e os *oportunistas*.

Constituem o *grupo dos despeitados* aqueles indivíduos menos afortunados que falharam na vida, ou porque resvalaram, ou porque não souberam sacrificar-se, ou porque não souberam, ou enfim, não conseguiram vencer. Aquele indivíduo, que todos conhecem, que traz por debaixo da gabardine encobre-misérias, um coração revoltado, não contra o fatalismo da sua desdita, mas contra a sociedade que ele acusa, sumariamente, de lhe negar o conforto que tantos têm [...] E porque se considera vítima duma injustiça do destino, molda as suas convicções pela revolta, condenando constantemente o que é bom para apoiar decididamente o que é mau [...]

Os do segundo grupo, os *nescios*, sem dúvida os mais numerosos, são aquela classe de indivíduos sem opinião formada, que bebem as suas convicções na mais rasteira e comezinha impressão [...] De raciocínio menos do que medíocre, acreditam piamente que Hitler se atirou à Rússia com o intuito de defender a Europa do comunismo [...]

A terceira classe de germanófilos – os *oportunistas* – perigosíssima, é a fauna nojenta e terrível [...] Têm um ar sombrio de carrascos a soldo. Não encaram de frente, tal como aconteceu com Judas Escariote quando beijou Jesus Cristo na face. Andam de punhal no bolso e sorriso maquiavélico nos lábios [...] Passeiam tranquilos, como verdugos da Inquisição (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 311-313).

Essa radiografia da sociedade portuguesa ainda no início do longo regime que viria a ser o Estado Novo demonstra a mentalidade egoísta que parecia advir de um individualismo exacerbado promovido pela política econômica elitista de Salazar, que prometia ser desenvolvimentista a devolver a Portugal os anos perdidos, mas que em detrimento do sonho industrial acabou rendida ao alto capital estéril e cujos interesses residiam em outros propósitos. É assim que, em momentos de desilusão e vencido pelas circunstâncias, João da Silva Correia, ou João Ninguém, menciona ao amigo em carta de 13 de dezembro de 1942 estar disposto a não escrever mais textos para a rádio BBC por acreditar não ser com “balas de papel” que se derrotaria o nazismo. No entanto, em outra carta enviada a José Moreira, João da Silva Correia diz que, apesar do pouco tempo para escrever e dos muitos afazeres com o comércio de que sobrevive, tinha sido

convencido por uma carta recebida da emissora inglesa a continuar enviando seus textos para leitura durante a programação, e inclusive receberia honorários pelo *Esboço moral do Sr. Hitler*, texto que foi lido na rádio ainda no ano de 1942.

A verdade é que João Ninguém seguiria escrevendo seus textos durante toda a Segunda Guerra Mundial e também após o conflito, superando as dificuldades de tempo para escrever e o Mal de Parkinson. No ano de 1949 ele lia seus discursos a favor de uma intervenção na campanha eleitoral democrática nas câmaras legislativas de Oliveira de Azeméis e de São João da Madeira, encerrando ambos de forma incisiva com “vivas à Liberdade e a Norton de Matos”, este último candidato em oposição a Salazar no frustrado processo eleitoral. Co-fundador do jornal *O Regional* de São João da Madeira em 1922, João da Silva Correia parece sempre ter sabido da importância dos meios de divulgação, sejam eles literários, políticos ou midiáticos, como instrumentos de contraposição às agruras que os regimes autoritários, fascistas e excludentes impunham à grande maioria dos cidadãos, em especial aos trabalhadores mais pobres. Apesar de não se considerar comunista nem marxista, autoproclamando-se liberal e panteísta, esse João Ninguém não se furtou de posicionar-se contra a injustiça histórica e ideológica que o discurso de doutrinação chauvinista-católico de Salazar infundia sobre as consciências analfabetas da nação. Incomodado com o patrulhamento anticomunista, antiliberal e antidemocrático do Estado Novo, João da Silva Correia chega a escrever numa carta ao amigo José Moreira, datada de 14 de dezembro de 1945, o seguinte desabafo sobre a situação política em Portugal: “é comunista, nesta terra, todo aquele que não for Salazarista” (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 139). Já em uma carta anterior, essa datada de 6 de julho de 1938, João da Silva Correia demonstrava ter a percepção do que representava o *anticomunismo de Salazar*:

Comunismo, hoje em dia, é um espantalho que se inventou para afugentar pardais de todas as sementeiras [...] pobres consciências desta terra de analfabetos, que, por o serem, ainda não atingiram a maioria de independência individual, no foro do livre arbítrio; desta terra onde a imprensa, comprimida no reduzido ambiente de conceitos puramente jesuíticos, fez alastrar, deliberadamente, a peste moral (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 39).

Como se vê, a crítica ao anticomunismo, que também era ao antiliberalismo, à antidemocracia e ao ultranacionalismo católico, no caso de João da Silva Correia, passa pela alienação, a falta de consciência e a manipulação da opinião pública por meio da imprensa dentro do regime salazarista. Esses elementos, aliados ao pendor desenvolvimentista e da industrialização, que não se concretizou no Estado Novo português da forma como se esperava, também deixou em Portugal, assim como no mundo inteiro, o amargor da catástrofe ao invés

do esperado *mundo de sonho*, antes o pesadelo das guerras, da exploração, das ditaduras e da destruição tecnológica do que a felicidade das massas que a modernidade industrial prometia no século XX, como salienta Buck-Morss (2018).

A ideia de um sonho de transformação social frustrado ou de uma história traída, derivada também em Portugal de 41 anos de ditadura salazarista somados a um passado histórico situado hoje num mito de saudade, parece, em meu entendimento, gerar as condições para a visibilidade angariada pelo filme português *A fábrica de nada* (2017), do diretor Pedro Pinho. No longa-metragem, que mistura documentário e ficção, aparecem implícitas as consequências do sonho capitalista moderno, da ode ao desenvolvimentismo industrial, do egoísmo e individualismo a serviço da lógica do consumo, a mesma posta em questão atualmente quando, ao se olhar para os séculos XX e XXI, contrapõe-se ou justapõe-se a discussão sobre o fascismo histórico e o fascismo de hoje⁶, ambos mantendo como vítimas os mesmos vencidos da história: a grande massa dos proletários. No filme *A fábrica de nada*, os operários são surpreendidos pela retirada das máquinas de dentro da fábrica na calada da noite, claro sinal de sabotagem do patronato e da demissão que se avizinhava. Traídos, eles decidem se mobilizar e enfrentar os novos patrões, buscando inclusive uma alternativa de produção cooperativada diante da fábrica vazia, do nada. O enredo, que é inspirado na experiência de autogestão da Fateleva - que de 1975 a 2016 geriu a fábrica de elevadores Otis em Vila Franca de Xira - e toma até de empréstimo alguns dos seus protagonistas reais, demonstra que o percurso empreendido pelo mundo no século XX ao século XXI não encontra correspondência com a utopia de massas, mas antes se aproxima de uma distopia econômica. Ao defender que a separação entre o econômico e o político tornou-se cada vez mais difícil de sustentar, Buck-Morss (2018) fundamenta as consequências do que seria essa *distopia econômica* e seu semblante de legalidade e normalidade:

[...] a violência causada pela atividade econômica não é percebida como violência política. Contanto que a lei seja obedecida, isso não é uma preocupação estatal. De fato, relações de exploração econômica são consideradas quase naturais. O Estado pode intervir, usando sua força para manter a lei e a ordem da propriedade ou para melhorar os efeitos indesejáveis da “livre economia” (BUCK-MORSS, 2018, p 38).

O semblante a que me refiro, como já foi mencionado, não deixa de ser o mesmo de que fala Badiou (2017): o semblante do real que a economia, a partir da *máscara democrática* que o capitalismo a outorga, passa a representar como a realidade própria ou o motivo máximo da existência dos homens. É em decorrência disso que uma das personagens de *A fábrica de nada*, em meio a uma discussão entre intelectuais, afirma que em pleno século XXI *um quarto da*

6 Fran Alavina faz menção ao que o cineasta italiano Pasolini alertou como uma mutação do fascismo histórico, que ainda representa o modelo institucional mais acabado do que foi um Estado fascista, cuja gênese, a partir do maio de 1968, estava justamente naquilo que o estado de bem-estar social comportava em seu interior e era um dos motivos de sua expansão: o consumismo. Esse novo fascismo não institucional, nova forma de poder anárquico, sem centro específico e sem uma estética que pretenda expressar uma identidade homogênea, constitui-se em uma forma de vida jamais vista e, assim, mais difícil de ser combatida. Disponível em <https://outraspalavras.net/sem-categoria/fascismo-teu-novo-nome-e-consumismo/>. Acesso em 18/09/2020.

população portuguesa é pobre. Da ameaça de conviver com as máquinas no trabalho em *Unhas negras* à ameaça de conviver sem as máquinas em *A fábrica de nada*, motivos concomitantes para a perda de emprego, encontra-se o paradigma catastrófico que atravessou todo o século XX e que encontrou no século XXI condições de se reproduzir. Talvez, por isso, tantas décadas depois um filme português se arrisque a falar de neorrealismo, ainda que de um neorrealismo musical, como última esperança para espantar os males de um mundo que não cessa de reinventar formas de fomentar a desigualdade, o egoísmo, a degradação moral e a desumanidade. Redimir a história, para Buck-Morss (2018, p. 90), é não tomar distância autoirônica do fracasso da história, mas, de forma benjaminiana, “trazer as ruínas para perto e encontrar nosso caminho através dos escombros a fim de resgatar a esperança utópica que a modernidade engendrou [...]”. Relembro Badiou (2017) a afirmar que é na ruína de um semblante que o real se manifesta e, dentro desses últimos séculos em que a *economia democrática* sustenta a máscara do capitalismo, essa religião cultuada só poderá ter seu semblante acessado, enquanto real sob ameaça, através da afirmação da igualdade. A reivindicação da igualdade a que se refere Badiou (2017), como ponto do impossível próprio do capitalismo, é o que então mais se aproxima de um lampejo revolucionário após o século da catástrofe e restitui de suas ruínas a possibilidade histórica positiva mencionada por Buck-Morss (2018): a de surpreender o presente ao invés de tentar explicá-lo ou criticá-lo.

A falência do sonho industrial capaz de garantir o bem-estar das massas encontra seus primeiros contornos na ação de *Unhas negras*, que se passa em um Portugal que ensaiava seus errantes passos iniciais na industrialização. O séquito de João Ninguéns e Zé Ninguéns desfilando entre suas páginas são anunciados pelo narrador como a apresentá-los alegoricamente à história tal qual a um gigante cíclope, cujo único olho não os vê ou identifica. É assim que o operário Euclides Malveira, da delegação da cidade de Braga, é descrito no romance ao principiar o seu discurso na assembleia da Associação dos Operários Chapeleiros: “Mas agora que o João Ninguém, confiante e sereno, dava largas à verbosidade em caudal, ouviam-no mais do que com respeito; ouviam-no com devoção” (CORREIA, 2003, p. 69). Da mesma forma, a expressão do rosto de Gervásio Baptista após desistir da excursão a Braga denuncia sua condição de insignificância ou invisibilidade: “uma inexpressão muito apagada de Zé-ninguém ao de laço da vida” (CORREIA, 2003, p. 242). A esposa de Gonçalo Pimpão, apontando a humilhante realidade do marido como a de quem se prostra em território português perante a desgraça imposta pelos poderosos patrões, enumera o sucesso daqueles que já se aventuram por outros destinos mais prósperos e promissores:

Uns para o Brasil, outros para África, outros para os Estados Unidos... cada qual remava para seu lado. Dentro em breve, o país inteiro seria alfobre de ricações, todos inchados, a feder à abastança, todos a fazer sombra aos Zé-ninguéns que se aninhavam ao canto da lareira, sem rasgo nem habilidade! (CORREIA, 2003, p. 225).

O João Ninguém João da Silva Correia, escritor e intelectual solidário a seus personagens oprimidos e vencidos pela marcha histórica do século XX, soube o que era viver superando a falta de força e energia, a contrapelo, ainda que o desânimo da doença e o pessimismo das circunstâncias políticas convulsas por vezes os fizessem emanar suspiros de desalento, como aparece na carta escrita em 22 de setembro de 1942 a José Moreira:

Mais lhe digo, que há cerca de dois meses estive em Ossela (sua terra natal) a visitar Ferreira de Castro, durante uma sua curta estadia ali. Vivacidade, inteligência, coração, em contraste – percebi muito bem – com esta minha apagada figura de João Ninguém e de doente [...] Saí muito mais amigo de Ferreira de Castro do que entrara. Por outro lado, suponho que Ferreira de Castro, mormente por via desta minha cruel dificuldade na expressão verbal, ficou desiludido pelo contraste entre o João da Silva Correia que esperava encontrar, e o que encontrou de facto. Sou o que sou – acabou-se (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 68).

Esse João Ninguém dos textos lidos ao vivo na rádio BBC durante a Segunda Guerra Mundial, dos discursos e cartas abertas contra Salazar, Hitler e Mussolini, dos contos e artigos publicados em jornais de Portugal, dos processos da PIDE, venceu a modéstia, a timidez e a doença prematura ao conceber sua maior obra, *Unhas negras*, cujo processo tortuoso de criação e produção se depreende de algumas de suas cartas escritas ao amigo. Uma das primeiras manifestações em carta a José Moreira da escrita de *Unhas negras* revela o desânimo, sempre momentâneo e vencido, com que o autor enxergava a mentalidade dos portugueses em pleno transcurso do Estado Novo: “O ‘Unhas negras’ está encajado, ao sétimo capítulo numa crise de desânimo que me estou a esforçar por vencer. Não será estultícia de grande calado meter-se a gente a escrever para o público, um público que apenas lê relatos de desafios de futebol!?” (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 241). Além da alienação que pairava sobre a população portuguesa à época, submetida a um regime autoritário e violento, João da Silva Correia deixa claro em algumas de suas cartas a debilidade física que já o impedia de escrever com regularidade e o entusiasmo e satisfação com que via a nova obra à medida que se aproximava dos capítulos finais. Na carta de 6 de outubro de 1951, ele demonstra sua preocupação com um estado de saúde que não o impedisse de alcançar o término da odisseia aos operários chapeleiros de São João da Madeira:

Bem, José Moreira: sei perfeitamente que você avalia a servidão, digamos artística, com que eu me tenho escravizado da pena a urdir “Unhas Negras”. Apesar dessa escravidão, os progressos têm sido lentos, pela minha dificuldade física de sempre em verter ao papel o pensamento. Neste andar estou a ver que dentro de um ano ainda não tenho rematado o último capítulo. Não tenho pressa: só tenho receio de que a candeia se apague antes do livro terminado (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 260).

Em outra carta, esta datada de 1º de abril de 1952, o escritor já demonstra sinais evidentes do avanço da doença quase a impedi-lo de escrever, necessitando contar com a ajuda da filha Gabriela como secretária a quem dita o texto nos momentos de crise. Em carta de 7 de junho de 1952, ele acusa o final da escrita de *Unhas negras* com satisfação, apesar de demonstrar a necessidade da busca da perfeição que todo escritor tenciona:

Pus há dias um ponto final no último capítulo de “Unhas negras”. Não quero dizer, como deve compreender, que o livro está pronto. Nada disso! Tenciono lapidá-lo em duas revisões mais ou menos rigorosas [...] É um trabalho bastante fastidioso que requer muito tempo e muita paciência [...] Não posso deixar de lhe dizer que, como autor, estou satisfeito com o livro (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 278).

Mas quase uma década depois de seu primeiro livro publicado, João da Silva Correia passaria a viver o mesmo temor quanto ao destino e a permissão do futuro romance *Unhas negras* pela censura salazarista, o que aparece expressado na carta de 5 de março de 1953:

De par e passo, aumentam minhas preocupações quanto ao seu futuro. A rever um ou outro capítulo mais desassombrado, adquiro a convicção de que irá ser apreendido, quando aparecer. Não porque seja obra subversiva. Deus me livre! O caso é que não curei, ao escrever de me curvar a certos cânones, não digo já ideológicos, mas verdadeiramente ultramontanos dos que se arvoraram em donos das consciências.

Em resumo: não antevejo grande futuro para o livro. E então lembrei-me do seguinte, que ainda não sei se será viável segundo as leis de imprensa vigentes cá na terra.

Eu não sei se o José Moreira continua em estreitas relações com a Livraria Antunes, aí no Rio. A ser isso viável, gostava que o José Moreira concluísse com eles um acordo nos seguintes termos:

À aproximação da saída do livro, e antes mesmo dele estar à venda em Portugal, a Livraria Antunes requisitaria uma parte substancial da edição, em bom porto de salvamento, portanto, mesmo que aqui fosse a obra *abafada* [...] O meu fito principal era salvar da tirania de uma possível fogueira, uma boa parte da edição. Varriam-lhe o trabalho dos olhos dos leitores portugueses, mas ficavam-me os leitores brasileiros [...]

Pode ser que não haja ali grandes primores literários. O que há, e de sobra, é sinceridade de emoção.

Bem, José Moreira: queria ainda pedir-lhe que me trouxesse lista actualizada de endereços de todas as pessoas do Brasil a quem devo mandar o livro (sem esquecer Érico Veríssimo e Jorge Amado) (MOREIRA & CORREIA, 1997, p. 287-288).

A profusão de elementos que se desprendem dessa última carta evidencia a mundividência de João da Silva Correia em sua época: o medo da censura ou da intercepção dos exemplares de seu livro, a importância maior dada ao seu romance *Unhas negras*, a quase confissão de um neorrealista português como admirador das obras dos brasileiros Érico Veríssimo e Jorge Amado, e as estratégias para driblar a censura salazarista com a cumplicidade do amigo residente no Brasil. Como se vê, o mercado editorial brasileiro representava, para João da Silva Correia, uma porta de fuga à censura e dirigismo cultural que o autor vivenciava em Portugal. O temor da censura sobre *Unhas negras* em Portugal, mesmo diante da autodeclaração do autor de não ser um livro revolucionário, derivava do perigo ou ameaça de suas páginas sugerirem uma esperança de igualdade entre classes, embora seus personagens vencidos expressem uma

inevitável resignação à pobreza, à exploração e à falta de esperança. O retrato social dos pobres chapeleiros de São João da Madeira, ainda que *neorrealisticamente* deformado⁷, não deixa de ser fiel às convicções ideológicas de João da Silva Correia em vida. Assim, o romance permeia um centro que se desloca entre todos os capítulos e personagens e que responde à condição dupla e inescapável, enquanto destino, a que se refere a mulher de Gonçalo Pimpão quando, em sua autocomiseração, dispara: “- Pobre dos pobres!” (CORREIA, 2003, p. 125). Assim, a pobreza dos pobres operários chapeleiros encontra, no espelho de um mundo dividido entre classes, o reflexo do qual resulta em imagem infinita e descentrada: a do egoísmo dos homens.

REFERÊNCIAS

AMARAL, J. A. *Subsídios para a História da Indústria de Chapelaria em S. João da Madeira*. Porto: Tipografia do Carvalhido, 1967.

ARENDDT, H. *Origens do Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BADIOU, A. *Em busca do real perdido*. Trad. Fernando Scheibe. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. “Capitalismo como Religião”. Tradução Jander de Melo Marques Araújo. *Revista Garrafa*, Programa de Pós-Graduação de Ciências da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: janeiro a abril de 2011. Disponível em: http://www.ciencialit.lettras.ufrj.br/garrafa/garrafa23/janderdemelo_capitalismocomo.pdf. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

BUCK-MORSS, S. *Mundo de sonho e catástrofe: o desaparecimento da utopia de massas na União Soviética e nos Estados Unidos*. Trad. Ana Luiza Andrade, Rodrigo Lopes de Barros, Ana Carolina Cernicchiaro. Florianópolis: Editora da UFSC, 2018.

CORREIA, J. S. *Unhas negras*. 3. ed. São João da Madeira: Câmara Municipal de São João da Madeira, 2003.

_____. *Farândola*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1944.

COSTA, L. *O Coração da Fábrica: Viagem ao Mundo de Unhas negras*. São João da Madeira: Câmara Municipal de São João da Madeira, 1987.

⁷ No artigo *Ficha 5*, publicado em 1942 na revista *Seara Nova*, Mário Dionísio, poeta, pintor e crítico neorrealista português afirmou ser necessário, em arte, deformar: “deformar sempre até onde esta palavra (liberta do sentido etimológico) possa significar dar nova forma, escolher a forma capaz, a única de dar a toda a gente claramente aquilo que queremos revelar”. Disponível em http://ric.slhi.pt/Seara_Nova/visualizador?id=09913.034.009&pag=3. Acesso em 18/09/2020.

DIONÍSIO, M. Ficha 5. *Seara Nova*, nº 765, p. 131-134, 1942.

FIGUEIREDO, R. *João da Silva Correia, o Homem, o Escritor. Palestra proferida na Biblioteca Municipal de São João da Madeira*. São João da Madeira: Câmara Municipal de São João da Madeira, 1985.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. 2. ed. Lisboa: Vega, 1992.

LOURENÇO, E. *Mitologia da Saudade: seguido de Portugal como Destino*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MOREIRA, J.; CORREIA, J. S. *Dois Amigos*. Org. António Mesquita. São João da Madeira: Câmara Municipal de São João da Madeira, 1997.

PINHO, P. *A Fábrica de Nada*. 177 minutos, Portugal, 2017.

PINTO, A. “O salazarismo na recente investigação sobre o fascismo europeu – velhos problemas, velhas respostas?” *Revista Análise Social*, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, volume XXV. Lisboa, 1990, p. 695-713. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223034844K81VE2yr7Er34ZQ8.pdf>. Acesso em: 05 de outubro de 2018.

POMAR, J. *Notas sobre uma Arte Útil – Parte Escrita I*. 1. ed. Lisboa: Fundação Júlio Pomar, 2014.

Apêndices



Busto de João da Silva Correia à entrada da Escola Secundária que leva seu nome na cidade de São João da Madeira.



Foto comemorativa de João da Silva Correia

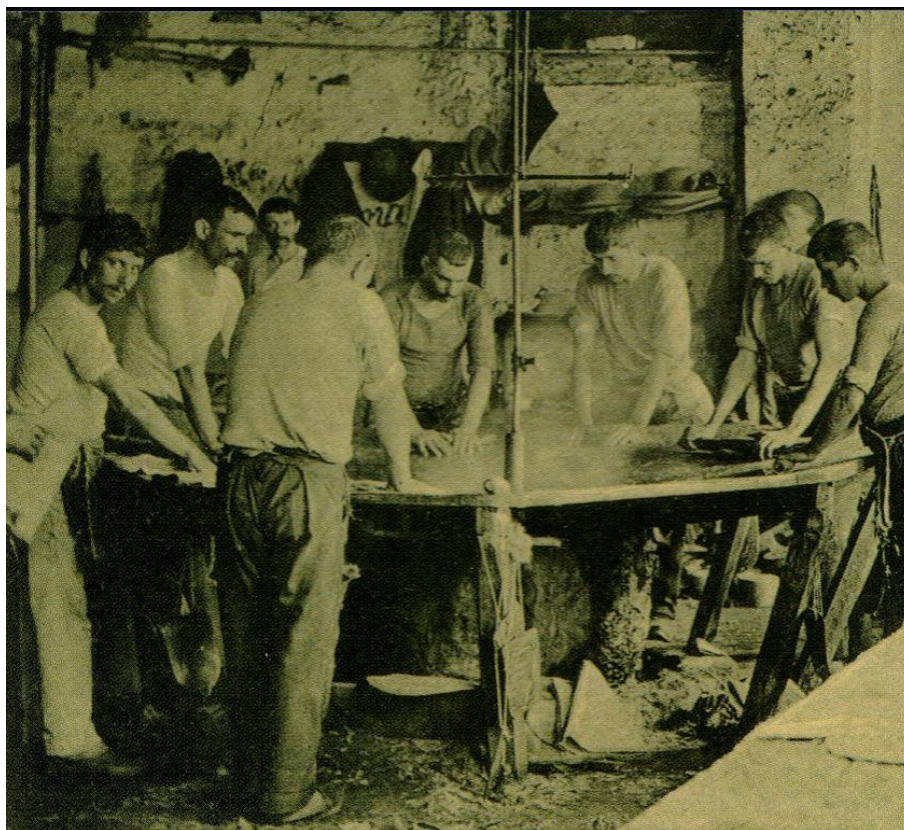
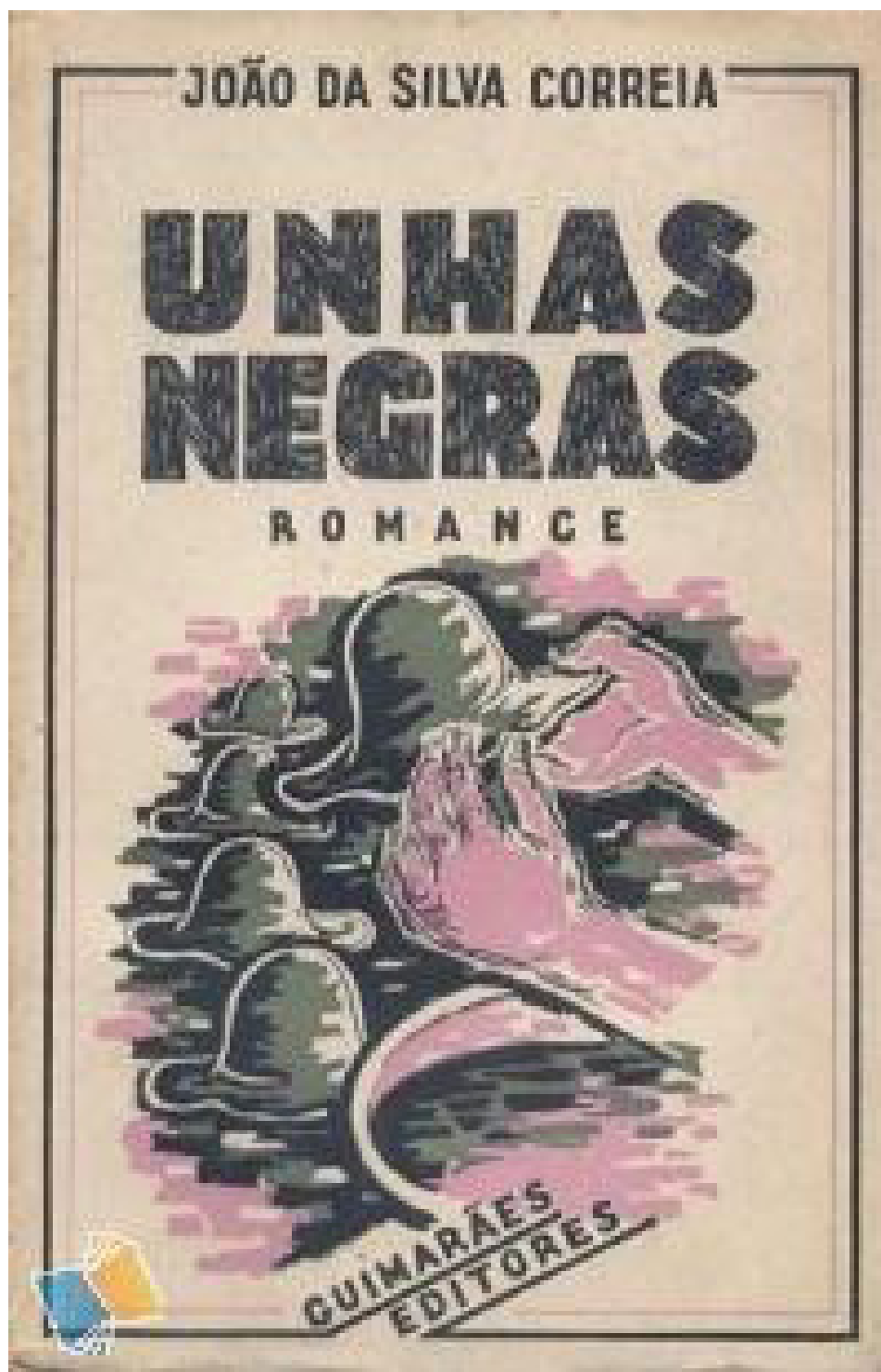


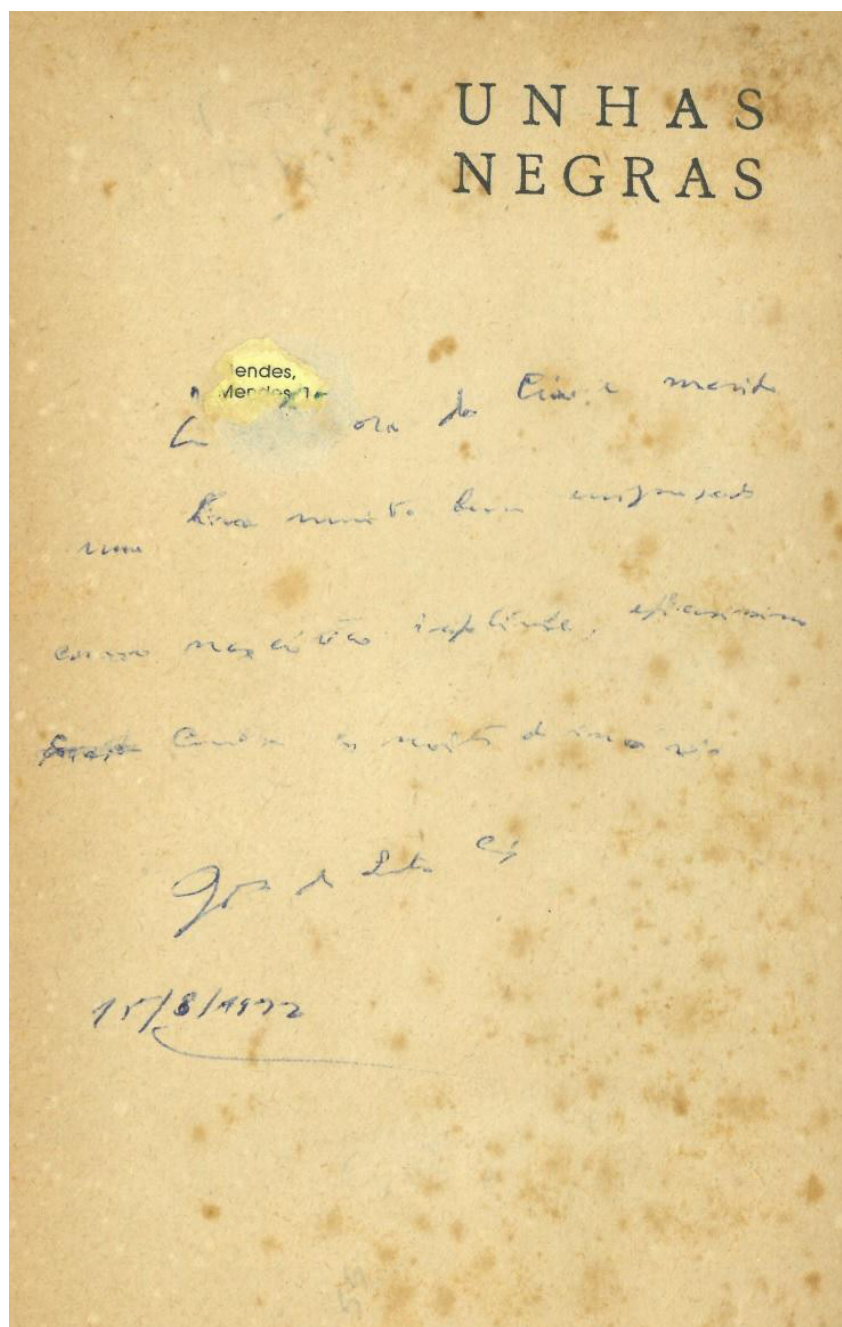
Foto que ilustra a capa da terceira edição do romance *Unhas negras*, retratando operários chapeleiros *fulistas* ou *unhas negras* em trabalho na fula a vapor.



Monumento *Unhas negras*: dedicado à obra de João da Silva Correia, está localizado junto ao Museu da Chapelaria, antiga sede da Empresa Industrial de Chapelaria de São João da Madeira.



Capa da primeira edição do romance *Unhas negras*, publicada em 1953.



Dedicatória de João da Silva Correia na primeira edição de *Unhas negras*, reconhecida pela assinatura do autor.